

Antonio Eudes Mota



ENSINAR COM O CORAÇÃO:

O Papel da Afetividade na Educação



AYA EDITORA

2025



ENSINAR COM O CORAÇÃO:

O Papel da Afetividade na Educação

Antonio Eudes Mota



ENSINAR COM O CORAÇÃO:

O Papel da Afetividade na Educação



AYA EDITORA
2025

Direção Editorial

Prof.º Dr. Adriano Mesquita Soares

Autor

Prof.º Me. Antonio Eudes Mota

Capa

AYA Editora©

Revisão

O Autor

Executiva de Negócios

Ana Lucia Ribeiro Soares

Produção Editorial

AYA Editora©

Imagens de Capa

br.freepik.com

Área do Conhecimento

Ciências Humanas

Conselho Editorial

Prof.º Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva (UNIDAVI)

Prof.ª Dr.ª Adriana Almeida Lima (UEA)

Prof.º Dr. Aknaton Toczec Souza (UCPEL)

Prof.º Dr. Alaerte Antonio Martelli Contini (UFGD)

Prof.º Dr. Argemiro Midonês Bastos (IFAP)

Prof.º Dr. Carlos Eduardo Ferreira Costa (UNITINS)

Prof.º Dr. Carlos López Noriega (USP)

Prof.ª Dr.ª Claudia Flores Rodrigues (PUCRS)

Prof.ª Dr.ª Daiane Maria de Genaro Chioli (UTFPR)

Prof.ª Dr.ª Danyelle Andrade Mota (IFPI)

Prof.ª Dr.ª Déa Nunes Fernandes (IFMA)

Prof.ª Dr.ª Déborah Aparecida Souza dos Reis (UEMG)

Prof.º Dr. Denison Melo de Aguiar (UEA)

Prof.º Dr. Emerson Monteiro dos Santos (UNIFAP)

Prof.º Dr. Gilberto Zammar (UTFPR)

Prof.º Dr. Gustavo de Souza Preussler (UFGD)

Prof.ª Dr.ª Helenadja Santos Mota (IF Baiano)

Prof.ª Dr.ª Heloísa Thaís Rodrigues de Souza (UFS)

Prof.ª Dr.ª Ingridi Vargas Bortolaso (UNISC)

Prof.ª Dr.ª Jéssyka Maria Nunes Galvão (UFPE)

Prof.º Dr. João Luiz Kovaleski (UTFPR)

Prof.º Dr. João Paulo Roberti Junior (UFRR)

Prof.º Dr. José Enildo Elias Bezerra (IFCE)

Prof.º Dr. Luiz Flávio Arreguy Maia-Filho (UFRPE)

Prof.ª Dr.ª Marcia Cristina Nery da Fonseca Rocha Medina (UEA)

Prof.ª Dr.ª Maria Gardênia Sousa Batista (UESPI)

Prof.º Dr. Myller Augusto Santos Gomes (UTFPR)
Prof.º Dr. Pedro Fauth Manhães Miranda (UEPG)
Prof.º Dr. Rafael da Silva Fernandes (UFRA)
Prof.º Dr. Raimundo Santos de Castro (IFMA)
Prof.ª Dr.ª Regina Negri Pagani (UTFPR)
Prof.º Dr. Ricardo dos Santos Pereira (IFAC)
Prof.º Dr. Rômulo Damasclin Chaves dos Santos (ITA)
Prof.ª Dr.ª Silvia Gaia (UTFPR)
Prof.ª Dr.ª Tânia do Carmo (UFPR)
Prof.º Dr. Ygor Felipe Távora da Silva (UEA)

Conselho Científico

Prof.º Me. Abraão Lucas Ferreira Guimarães (CIESA)
Prof.ª Dr.ª Andreia Antunes da Luz (UniCesumar)
Prof.º Dr. Clécio Danilo Dias da Silva (UFRGS)
Prof.ª Ma. Denise Pereira (FASU)
Prof.º Dr. Diogo Luiz Cordeiro Rodrigues (UFPR)
Prof.º Me. Ednan Galvão Santos (IF Baiano)
Prof.ª Dr.ª Eliana Leal Ferreira Hellvig (UFPR)
Prof.º Dr. Fabio José Antonio da Silva (HONPAR)
Prof.ª Ma. Jaqueline Fonseca Rodrigues (FASF)
Prof.ª Dr.ª Karen Fernanda Bortoloti (UFPR)
Prof.ª Dr.ª Leozenir Mendes Betim (FASF)
Prof.ª Dr.ª Lucimara Glap (FCSA)
Prof.ª Dr.ª Maria Auxiliadora de Souza Ruiz (UNIDA)
Prof.º Dr. Milson dos Santos Barbosa (UniOPET)
Prof.ª Dr.ª Pauline Balabuch (FASF)
Prof.ª Dr.ª Rosângela de França Bail (CESCAGE)
Prof.º Dr. Rudy de Barros Ahrens (FASF)
Prof.º Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares (UFPI)
Prof.ª Dr.ª Silvia Aparecida Medeiros Rodrigues (FASF)
Prof.ª Dr.ª Sueli de Fátima de Oliveira Miranda Santos (UTFPR)
Prof.ª Dr.ª Tássia Patricia Silva do Nascimento (UEA)
Prof.ª Dr.ª Thaisa Rodrigues (IFSC)

© 2025 - AYA Editora. O conteúdo deste livro foi enviado pelo autor para publicação em acesso aberto, sob os termos da Licença Creative Commons 4.0 Internacional (CC BY 4.0). Esta obra, incluindo textos, imagens, análises e opiniões nela contidas, é resultado da criação intelectual exclusiva do autor, que assume total responsabilidade pelo conteúdo apresentado. As interpretações e posicionamentos expressos neste livro representam exclusivamente as opiniões do autor, não refletindo, necessariamente, a visão da editora, de seus conselhos editoriais ou de instituições citadas. A AYA Editora atuou de forma estritamente técnica, prestando serviços de diagramação, produção e registro, sem interferência editorial sobre o conteúdo. Esta publicação é fruto de pesquisa e reflexão acadêmica, elaborada com base em fontes históricas, dados públicos e liberdade de expressão intelectual garantida pela Constituição Federal (art. 5º, incisos IV, IX e XIV). Personagens históricos, autoridades, entidades e figuras públicas eventualmente mencionadas são citados com base em registros oficiais e noticiosos, sem intenção de ofensa, injúria ou difamação. Reforça-se que quaisquer dúvidas, críticas ou questionamentos decorrentes do conteúdo devem ser encaminhados exclusivamente ao autor da obra.

M141 Mota, Antonio Eudes

Ensinar com o coração: o papel da afetividade na educação
[recurso eletrônico]. / Antonio Eudes Mota. -- Ponta Grossa: Aya, 2025. 52 p.

Inclui biografia

Inclui índice

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN: 978-65-5379-816-8

DOI: 10.47573/aya.5379.1.397

1. Educação. 2. Psicologia educacional. 3. Aprendizagem . I. Título

CDD: 370.15

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Bruna Cristina Bonini - CRB 9/1347

International Scientific Journals Publicações de Periódicos e Editora LTDA

AYA Editora©

CNPJ: 36.140.631/0001-53

Fone: +55 42 3086-3131

WhatsApp: +55 42 99906-0630

E-mail: contato@ayaeditora.com.br

Site: <https://ayaeditora.com.br>

Endereço: Rua João Rabello Coutinho, 557
Ponta Grossa - Paraná - Brasil
84.071-150

Dedico este livro à memória de meus pais, Francisco Ferreira Mota (Chico Mota) e Maria do Socorro da Silva Mota, cujo amor incondicional e apoio incansável me inspiraram a trilhar este caminho. Sinto saudades, mas também gratidão por cada momento compartilhado.



“A afetividade desempenha um papel crucial no processo de ensino-aprendizagem, sendo um elemento essencial e não um acessório.”

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10
INTRODUÇÃO	11
Análise da Afetividade em Perspectiva Histórica	12
O Impacto da Relação Afetiva Professor-Aluno na Aprendizagem Significativa.....	28
METODOLOGIA	39
Natureza da Pesquisa	39
Objeto de Estudo.....	40
Procedimento Ético	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	43
SOBRE O AUTOR	46
ÍNDICE REMISSIVO	47

APRESENTAÇÃO

Esta pesquisa explora o impacto da afetividade na dinâmica de ensino e aprendizagem entre docentes e discentes, refletindo sobre a importância dos aspectos emocionais na construção do conhecimento e no desenvolvimento do cidadão, estabelecendo a interação entre as dimensões afetivas e cognitivas, a luz da teoria de Henry Wallon e outros estudiosos do desenvolvimento humano. Foi realizada uma pesquisa qualitativa por meio de uma revisão bibliográfica de artigos online e livros de autores interacionistas, com foco na obra de Wallon, que destaca a afetividade na formação eficaz do indivíduo.

Após a análise das informações obtidas a partir da revisão bibliográfica, permitiu uma reflexão profunda sobre a importância das relações afetivas no ambiente escolar e seu impacto positivo no processo do ensino-aprendizagem. As conexões afetivas permeiam o ambiente escolar, influenciando tanto o desenvolvimento cognitivo quanto emocional dos alunos, e se tornam fundamentais quando os indivíduos se unem para buscar soluções coletivas que atendam às necessidades e potencialidades dos estudantes.

A teoria de Henry Wallon sobre a afetividade e cognição foi fundamental para este trabalho, ao destacar a importância da dimensão humana na educação, e promover a valorização das potencialidades e autoestima do aluno. Gadotti (2003, p. 74) destaca a importância da alteridade na aprendizagem, afirmando que “aprendemos com o outro, e é nessa relação que nos construímos como seres humanos.” A aprendizagem significativa ocorre quando os conhecimentos prévios e as experiências dos alunos são valorizados, e o afeto é um componente essencial para criar um ambiente de ensino-aprendizagem que seja ao mesmo tempo agradável e propício à transformação social.

Boa leitura!

INTRODUÇÃO

Este estudo investiga o impacto da afetividade na dinâmica de ensino e aprendizagem entre professor-aluno, destacando a importância da afetividade para o desenvolvimento do estudante, por meio de uma revisão bibliográfica e análise de experiências práticas, bem como os conceitos e a relevância do afeto na vida humana, retratando um pouco do contexto histórico, e como acontece no âmbito escolar; de que forma interfere nos aspectos psicológicos e cognitivos da aprendizagem. Além disso, examina-se a prática pedagógica nesse contexto, visando garantir que o ensino seja significativo e de alta qualidade.

A afetividade na sala de aula permite estabelecer, uma relação de confiança e respeito entre professor e aluno, promovendo um ambiente de aprendizagem mais eficaz, fazendo-o mais significativo para o contexto do aluno. Se o aluno não se sentir confortável com o professor, pode ter dificuldades em absorver o conhecimento transmitido por ele.

A construção de relações afetivas é essencial para o desenvolvimento integral das crianças, e é fundamental para estabelecer uma relação positiva entre professor e aluno. A importância da relação entre professor e aluno deve ser vista como um ponto essencial para o desenvolvimento do discente, pois ela é indispensável para o crescimento interno do aluno e deve estar alicerçada no afeto, na confiança, na liberdade, no amor e no respeito para que o aluno se entregue ao prazer de aprender.

A conexão entre professor-aluno é um processo dinâmico que começa desde o início da jornada escolar da criança, o sucesso da aprendizagem da criança está diretamente relacionado à qualidade da relação com seu professor, o que pode ter um impacto significativo na aprendizagem da criança.

Essa perspectiva é fundamental para promover a aprendizagem eficaz, a autoconfiança e o desenvolvimento integral do estudante. Ao reavaliar a forma como se olha para a aprendizagem do aluno, o professor pode encontrar oportunidades para desenvolver os talentos e habilidades de cada um. A consideração das potencialidades e capacidades dos alunos é fundamental para criar um ambiente de aprendizagem positivo e motivador.

O professor deve estabelecer uma conexão emocional com o aluno, baseada na afetividade e empatia, para criar um ambiente de aprendizagem propício, já que as experiências de aprendizagem que envolvem amor e afe-

tividade tendem a ser mais significativas e memoráveis para o aluno. O professor deve se mostrar como uma figura de confiança e apoio, ajudando o estudante a se sentir seguro e motivado em sala de aula.

Na ausência de apoio emocional em casa, o professor deve se tornar uma fonte de referência afetiva importante para a criança no ambiente escolar. Portanto, o objetivo principal desta pesquisa foi explorar o papel da afetividade na relação entre professor- aluno, considerando seus aspectos sociocognitivos, e como a afetividade pode ser utilizada para melhorar a eficácia do processo de ensino-aprendizagem.

Os objetivos específicos desta pesquisa são identificar estratégias para promover a interatividades professor-aluno e criar um ambiente de sala de aula mais dinâmico e acolhedor; analisar a dinâmica da relação professor-aluno e seu impacto no processo de ensino-aprendizagem; examinar como o clima emocional do ambiente escolar pode influenciar a relação entre afetividade e aprendizagem.

Análise da Afetividade em Perspectiva Histórica

A sociedade está em um processo dinâmico de mudanças, e o indivíduo se desenvolve em resposta a essas transformações sociais e culturais, desenvolvendo assim, novas maneiras de pensar e de encontrar a felicidade, sentimento que passou a ser a necessidade e o objetivo principal do sujeito.

Desde as sociedades tribais até as nações modernas, as relações entre os membros das diferentes sociedades sofreram transformações profundas, refletindo mudanças nos valores, nas crenças e nas estruturas sociais. Nas primeiras sociedades, as relações sociais baseavam-se principalmente nos laços de parentesco, nos usos e costumes comuns, nas formas de cooperação entre os membros do grupo.

Para melhor garantir a sobrevivência, as diversas sociedades de caçadores-coletores aos poucos estabeleceram alguns modos de cooperação entre os membros de cada grupo, conseguindo construir abrigos em menos tempo ou desenvolver táticas de caça em conjunto.

Aos poucos as sociedades humanas tornaram-se mais complexas, com o surgimento de especializações entre os indivíduos. Desse modo, os

esforços conjuntos para superar as dificuldades comuns causaram o surgimento de aglomerações urbanas. Para Barbosa (2006, p.26), “Aprender é lançar-se ao mar! É permitir-se experimentar aproveitando a própria história, sem medo de enriquecê-la”.

Percebe-se que esse aprender está em conexão com a afetividade, que faz com que o indivíduo se sinta mais seguro para desenvolver suas ações, sem medo, e realmente buscar meios que contribuam na construção da sua história.

Considerando a busca por inovação e a necessidade de adaptação impulsionaram a criação de novos costumes e valores, refletindo a evolução da sociedade ao longo do tempo e, conseqüentemente, tais mudanças requereram e influenciaram novas interpretações e transformações sociais e educacionais, tais como a influência da afetividade no processo ensino aprendizagem.

Sabendo-se que a afetividade não é uma temática recente, mas histórica, torna-se necessário debater e citar opiniões de teóricos que buscam em suas discussões apresentar a questão da afetividade e da moral. Dentre eles, podemos citar Comenius e Rousseau.

De acordo com Comenius (2002) o cérebro na idade infantil é úmido, tenro, pronto para receber todas as imagens que lhe chegam, apreendendo rapidamente o que lhes é ensinado.

No cérebro humano, apenas o que é aprendido e absorvido nos primeiros anos de vida tende a ser sólido e duradouro. Segundo ele, o homem para ser homem, criatura racional, deve ser instruído nas letras, nas virtudes e na religião, tornando-se capaz de levar a vida presente de modo útil e de preparar-se dignamente para a vida futura. Todos devem aprender a conhecer os fundamentos, as razões, os fins de todas as coisas mais importantes, para que ninguém no mundo se depare com alguma coisa que lhe seja tão desconhecida que não consiga sobre ela emitir um juízo moderado ou dela fazer um uso adequado (Comenius, 2002, p.85).

Conforme seu pensamento, a escola necessitava de princípios fundamentais de reforma, em que seu novo método consiste no aspecto do homem, por natureza, estar pronto para aprender todas as coisas. Isso porque “As sementes da moral e da piedade são por natureza inerentes a todos os homens (com exceção dos monstros humanos, segue-se necessariamente

que precisam apenas de um pequeníssimo estímulo e de sábia orientação” (Comenius, 2002, p. 113).

Lopes (2003, p.93), concordando com as palavras de Comenius, afirma que, naquele momento da história, se preconizava a necessidade de mudança da instituição escolar e criticava a maneira como ela estava funcionando.

Em conformidade com Lopes (2003, p. 115):

A seu ver a escola era monótona, severa e a disciplina exercida a pancadas. O homem, embora a corrupção tente comprometer sua capacidade de discernimento, jamais pode extinguir de si o anelo pelo conhecimento e pela sabedoria. Assim sendo, depende de nós reavivar a mente humana de tal modo que os homens se beneficiem com uma educação correta. Isso está ao nosso alcance, na visão de Comenius.

Conforme expresso por Lopes (2003, p. 115), na perspectiva comeniana, a profissão do professor deve possuir características próprias, como ser uma pessoa escolhida, de exímia inteligência e integridade moral, dedicado exclusivamente ao ensino, pois o pressuposto da questão moral consiste no exemplo da vida.

Vale ressaltar que, tanto Comenius, em absoluto século XVII, fala da necessidade de uma educação não exaustiva, em que o professor tenha o papel de ensinar e não de maltratar os seus alunos, como Rousseau, no século XVIII, também descreve as ações e condutas que um preceptor deve ter diante de seus alunos. O ponto fundamental é a relação que o professor deve ter com o estudante:

O aluno deve sobretudo ser amado, e que meios tem um governante de se fazer amar por uma criança a quem ele nunca tem a propor senão ocupações contrárias ao seu gosto, se não tiver, por outro, poder para conceder-lhe esporadicamente pequenos agrados que quase nada custam em despesas ou perda de tempo, e que não deixam, se oportunamente proporcionados, de causar profunda impressão numa criança, e de ligá-la bastante ao seu mestre (Rousseau, 1994, p.23-24).

O sucesso da educação deve ser medido pelo grau com que o professor é amado, respeitado e estimado por seus alunos. O objetivo da educação de uma criança propõe a formação do coração, do juízo e do espírito.

Rousseau (1994, p. 63) compreende que:

Um bom professor não deve sobrecarregar seus alunos com trabalhos difíceis, mostrando-se apenas severo e zangado, construindo assim a reputação de um homem rigoroso e rude. O professor deve participar dos divertimentos de seus alunos, fornecendo atividades que os agradem e exerçam sua curiosidade, de modo que se sintam melhor ali do que em qualquer outro lugar, mas também fazendo com que o aluno busque a aprendizagem e o interesse pelos estudos por seu próprio impulso.

De acordo com Cerizara (1990, p.82), Rousseau avaliava a infância como um período necessário à formação do homem. Era preciso observar atentamente o aluno antes de dirigir-lhes a palavra, não exercendo pressão sobre ele. Pois, assim como cada etapa do desenvolvimento do homem requer uma educação particular, também é preciso levar em conta as diferenças de temperamento de cada criança.

Rousseau (*apud* Cerizara, 1990, p. 101) diz que a observação é um instrumento indispensável para o trabalho do professor no conhecimento das particularidades de seu aluno. Tendo por finalidade a educação segundo a idade e o caráter, ao passo que o educador deve conhecer as características gerais da infância e as peculiaridades de cada criança.

Cerizara (1990, p. 108) destaca:

Como a proposta da educação rousseuniana pauta-se por uma relação contratual entre a criança e o governante, ela pressupõe igualdade de direitos e deveres, embora distintos entre cada um. Pressupõe, principalmente, a garantia de respeito mútuo, do direito ao erro e do dever de reparação. Nada é predeterminado, tudo é construído numa tentativa pedagógica de harmonizar a especificidade da criança com as influências do meio, com as generalidades do desenvolvimento humano.

Conforme Cerizara (1990, p.166), a educação deve ser um meio de construir um novo indivíduo para viver em uma nova sociedade, estando apto a enfrentar a realidade tal como ela é, de modo a fazer uso tanto da razão quanto do sentimento, conhecendo a si próprio e a seus semelhantes. Isso se dá pelo fato de a criança não ser capaz de assumir-se como ser moral, precisando do adulto para orientá-la em busca da independência e autonomia. O processo de educação humana inicia-se no nascimento; antes mesmo de se comunicar verbalmente ou compreender, o indivíduo já está sendo instruído.

A construção do conceito de afetividade em diferentes abordagens

Um mundo sem afeto seria um lugar frio e desumano, onde as relações humanas seriam profundamente afetadas. Este sentimento, dentre outros, contribui para um mundo melhor, mais humanizado e está presente desde o início da vida do indivíduo e suas primeiras manifestações ocorrem ainda no seio familiar.

Segundo o dicionário técnico de Psicologia (Cabral e Nick, 1999), afetividade é um termo utilizado para designar e resumir não só os afetos em sua acepção mais estrita, além disso, os sentimentos sutis ou nuances emocionais de prazer ou desprazer, enquanto o afeto é caracterizado como qualquer tipo de sentimentos ou emoção ligada a ideias ou conjunto de ideias.

Enquanto no dicionário de Filosofia de Nicola Abbagnano, essa palavra designa o conjunto de atos ou de atitudes como a bondade, a benevolência, a inclinação, a devoção, a proteção, o apego, a gratidão, a ternura etc., que, no seu todo, podem ser caracterizados como a situação em que uma pessoa “preocupa-se com” ou “cuida de” outra pessoa ou em que esta responde, positivamente, aos cuidados ou a preocupação de que foi objeto. O que comumente se chama de “necessidade de A.” é a necessidade de ser compreendido, assistido, ajudado nas dificuldades, seguido com olhar benévolo e confiante. Nesse sentido, o A não é senão uma das formas do amor.

E de acordo com o Dicionário Aurélio (1994), o verbete afetividade caracteriza um conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor, insatisfação, de agrado ou desagradado, de alegria ou tristeza.

Almeida (2002), discutindo o conceito de afetividade na obra de Wallon, diz-nos que ela está sempre relacionada aos estados de bem-estar e mal-estar do indivíduo, manifestando-se através das emoções, das paixões e dos sentimentos. A emoção é a forma de expressão da afetividade que se constitui em reações instantâneas e efêmeras que se diferenciam em alegria, tristeza, cólera e medo.

É a afetividade a parte do psiquismo de mais abrangente domínio da atividade pessoal, sendo mesmo a base do psiquismo, o que há de mais fundamental na conduta e reações individuais. Seu domínio vai desde a sen-

sibilidade corporal, física, interna e externa, abrangendo as sensações corpóreas dos órgãos internos e a sensibilidade tátil, até a interpretação subjetiva das vivências, consciente ou inconsciente, dependendo de características pessoais do humor e temperamento. Ao penetrar todos os demais aspectos da vida psíquica ela vai influenciar e ser influenciada pela percepção, memória, pensamento, vontade e inteligência, sendo na verdade o componente essencial de equilíbrio e harmonia da personalidade.

De acordo com Freire (1997, p.170). “A afetividade é o território dos sentimentos, das paixões, das emoções, por onde transita os medos sofrimentos interesses, alegrias”

[...] a afetividade é um conceito amplo que abrange não apenas as emoções e sentimentos, mas também as experiências sensoriais e a capacidade de se conectar com o mundo ao nosso redor, referindo-se às vivências dos indivíduos e às formas de expressão mais complexas e essencialmente humanas (Bercht, 2001, p.59).

Perceber o sujeito como um ser intelectual e afetivo, que pensa e sente simultaneamente, e reconhecer a afetividade como parte integrante do processo de construção do conhecimento, implica outro olhar sobre a prática pedagógica, não restringindo o processo ensino-aprendizagem apenas à dimensão cognitiva. O processo ensino-aprendizagem é um recurso fundamental do professor e o papel da afetividade é importante para garantir a eficácia de suas aulas.

Todavia, sua manifestação faz-se necessária em outros espaços e por toda a vida do ser humano. Um dos locais em que a presença da afetividade se torna essencial é nos estabelecimentos escolares, locais vistos como extensores de seus lares, já que muitos, nos dias atuais, passam mais tempo na escola do que em suas próprias casas. E neste sentido, estas não devem restringir-se em transmitir conteúdos, mas também em contribuir para o desenvolvimento da personalidade de seus alunos.

Henry Wallon, um estudioso importante sobre o tema em questão, elaborou uma teoria psicogenética expondo sua visão sobre a participação da afetividade no processo de desenvolvimento humano. Para ele, a afetividade deve estar atrelada ao objeto de estudo e ao cotidiano da criança.

Apesar das dificuldades de conceituação que vêm acompanhando historicamente os fenômenos afetivos, Pino (n.d. p. 128) tem destacado com

clareza que tais fenômenos se referem às experiências subjetivas, que revelam a forma como cada sujeito “é afetado pelos acontecimentos da vida, ou melhor, pelo sentido que tais acontecimentos têm para ele”. Portanto:

Os fenômenos afetivos representam a maneira como os acontecimentos repercutem na natureza sensível do ser humano, produzindo nele um elenco de reações matizadas que definem seu modo de ser-no-mundo. Dentre esses acontecimentos, as atitudes e as reações dos seus semelhantes a seu respeito são, sem sombra de dúvida, os mais importantes, imprimindo às relações humanas um tom de dramaticidade. Dessa forma, considerar o afetivo como uma característica das relações humanas pode permitir uma compreensão mais profunda das experiências emocionais e sociais que as pessoas vivenciam (...). São as relações sociais, com efeito, as que marcam a vida humana, conferindo ao conjunto da realidade que forma seu contexto (coisas, lugares, situações etc.) um sentido afetivo (idem, p. 130-131).

Embora os fenômenos afetivos sejam de natureza subjetiva, isso não os torna independentes da ação do meio sociocultural, pois relacionam-se com a qualidade das interações entre os sujeitos, enquanto experiências vivenciadas. Dessa maneira, pode-se supor que tais experiências vão marcar e conferir aos objetos culturais um sentido afetivo.

Wallon examinou detalhadamente a forma como as emoções e a afetividade influenciam o desenvolvimento humano. Observou que as primeiras manifestações afetivas do ser humano estão relacionadas à interação com o ambiente, suas especificidades e a complexidade que se manifestam durante o desenvolvimento, incluindo suas interações com outras funções psíquicas e emocionais. Destaca a importância da afetividade na formação e funcionamento da inteligência, influenciando os interesses e necessidades de cada indivíduo.

A teoria destaca a importância das emoções na formação da vida psíquica, sugerindo que elas desempenham um papel fundamental na mediação entre as influências sociais e os processos biológicos. As relações da criança com o mundo exterior são, desde o início, relações de sociabilidade, visto que, ao nascer, ela não tem:

Meios de ação sobre as coisas circundantes, razão por que a satisfação das suas necessidades e desejos tem de ser realizada por intermédio das pessoas adultas que a rodeiam. Por isso, os primeiros sistemas de reação que se organizam sob a influência do ambiente, as emoções, tendem a

realizar, por meio de manifestações consoantes e contagiosas, uma fusão de sensibilidade entre o indivíduo e o seu entourage (Wallon, 1971, p. 262).

É notório que a afetividade é um dos aspectos centrais do desenvolvimento, pois a partir dela a criança vai evoluir no seu processo afetivo, de emoções, sentimentos e desejos, ajudando na sua autoestima, conseguindo crescer com segurança e determinação.

Assim, trabalhar a afetividade é permitir uma troca, estabelecer um campo de relações entre professor e aluno que vivenciam um processo de conquista onde se interagem desde que o professor saiba criar um ambiente e aproveitar-se desse, colocando-o mais próximo da realidade do aluno. Se o aluno não se sentir à vontade para aprender com o professor, é possível que tenha dificuldades em aprender qualquer coisa que emane dele, pois [...] “para que uma criança aprenda, é necessário que ela tenha o desejo de aprender. Nada nem ninguém podem obrigar alguém a desejar” (Cordié, 1996, p.23).

A complexidade da afetividade no contexto escolar

A escola, assim como a família, é uma instituição de fundamental importância na formação dos indivíduos de uma sociedade. Essa instituição exerce o papel de contribuir não só na construção de conhecimentos no campo cognitivo, mas também na construção da personalidade. A afetividade é um cuidado, um carinho ou uma atenção, não seria muito mais que isso, graças à afetividade os alunos estão conseguindo ter mais sucesso na vida escolar e ajudando também na vida pessoal, pois tem um valor significativo na construção do conhecimento, assim fazendo com que a criança tenha uma relação harmônica e confiável com o professor, desenvolvendo assim, sentimentos que facilitam a interação com os outros. O afeto é uma necessidade que precisa estar presente para que o professor possa construir com o aluno um espaço constituído por elementos emocionais e afetivos sendo indispensáveis para a construção da personalidade da criança.

É essencial que a escola, espaço que mantém profunda relação com os discentes, esteja apta a desenvolver uma educação que leve à reflexão e ao surgimento do pensamento crítico e consciente. Compete à escola além de auxiliar no processo de absorção de conhecimentos intelectuais, propor-

cionar o desenvolvimento afetivo entre os indivíduos, visto que uma civilização composta por pessoas frígidas é um campo minado, propício a auto-destruição. Neste contexto cabe citar o trabalho de Saltini (1997, p. 15) que enfatiza a importância de considerar que:

As escolas deveriam entender mais de seres humanos e de amor do que de conteúdos e técnicas educativas. Elas têm contribuído em demasia para a construção de neuróticos por não entenderem de amor, de sonhos, de fantasias, de símbolos e de dores.

O pensamento é uma característica atribuída exclusivamente aos seres dotados de cérebro, todavia, entre os seres humanos, ele pode ser utilizado como instrumento de construção do futuro. A formação do pensamento está vinculada às bases afetivas. É uma prática que se encontra atrelada à educação e cabe aos educadores favorecerem ao aparecimento dele. Sendo assim é indispensável que o ato de pensar seja algo que nos conduza por caminhos que permitem a evolução e liberdade de sonhar.

É por meio do pensar que temos a oportunidade de conhecer, entender e melhorar a nossa realidade. O pensamento quando construído sobre bases afetivas, apresenta maiores chances de produzir reações favoráveis entre os grupos sociais.

Nesse sentido vale destacar as contribuições de Saltini (Idem 1997, p.15) que afirma que, “o nascimento do pensamento é igual ao nascimento de uma criança: tudo começa com um ato de amor. Uma semente há de ser depositada no ventre vazio. E a semente do pensamento é o sonho.”

Normalmente, passa-se um tempo considerável na escola e é lá que fazemos inúmeras descobertas ainda quando criança. A educação escolar deve transcender a transmissão de conteúdo, assim como deve exercer e insistir em oferecer mais de mil maneiras para que seu corpo discente faça parte de um processo de aprendizagem que envolve todas as funções humanas, tais como, física, intelectual e sentimental.

Este aspecto também é comentado por Saltini (1997, p. 31) que aponta que, “em primeiro lugar a educação não é uma transmissão do conhecimento, de um saber ou até mesmo de uma conduta, mas, sobretudo uma iniciação à vida.”

O ato de educar deve existir com princípios que regem a formação integral dos educandos. Deve possibilitar a eles alcançarem o total conheci-

mento de si em relação ao mundo, ciente do seu poder de ser e fazer. Ainda Saltini (1997, p. 33) assinala que “educar é um meio pelo qual o homem possa construir-se como pessoa em termos de ser e não de ter, ocupando o seu potencial do sentir e do pensar.”

Durante o processo de aprendizagem é preciso enfatizar a importância de aprender e ensinar a lutar. É indispensável que exista uma reflexão e questionamento constante quanto à existência humana, a fim de identificar e alcançar os objetivos mais serenos e preciosos do ato de educar. Ao referir-se a tal assunto Saltini (1997, p. 48) considera que, “educar significa também, aprender e ensinar a lutar, aprender e ensinar a intensificar a existência e a cumpri-la com decisão e consciência.”

Inquestionavelmente a escola deve organizar-se com um grupo docente especializado, sabendo que as crianças para alcançarem o desenvolvimento pleno de suas potencialidades necessitam estabelecer relações com pessoas capazes de conhecer e compreender sua subjetividade e características próprias de cada faixa etária.

Saltini (1997, p. 73) destaca a necessidade de o professor conhecer as particularidades e individualidades da criança. Mas deve conhecê-la não apenas na sua estrutura biofisiológica e psicossocial, mas também na sua interioridade afetiva, na sua necessidade de criatura que chora, ri, dorme, sofre e busca constantemente compreender o mundo que a cerca, bem como o que ela faz ali na escola.

Partindo desse pressuposto faz-se indispensável salientar que as crianças no ambiente escolar se encontram abertas a receber e estabelecer relação íntima e afetiva com o professor. Saltini (1997, p. 89) entende que, “a criança deseja e necessita ser amada, aceita, acolhida e ouvida para que possa despertar para a vida da curiosidade e do aprendizado.”

As emoções e os sentimentos das crianças certamente marcarão os níveis de desempenho escolar dela. A interação dinâmica com o ambiente desempenha um papel fundamental no processo de aprendizagem. Crianças com problemas emocionais frequentemente apresentam desafios em várias áreas do desenvolvimento infantil em comparação com crianças sem esses distúrbios.

Monteiro (2003, p. 110), ressalta que a avaliação do desempenho é um processo complexo que envolve considerar fatores, incluindo:

Uma criança, com problemas emocionais, enfrentando dificuldades em suas interações com o meio físico e social, não deverão apresentar o mesmo nível operatório de outra, de mesma idade cronológica e sob condições de existência mais favoráveis, pois a afetividade regula os processos e equilíbrio que se desenvolvem entre a assimilação e a acomodação.

A escola deve estar apta a receber, conviver e saber lidar com os variados tipos de alunos existentes. O papel do professor em sala de aula é primordial para entender e resolver alguns contratempos, todavia a escola também deve oferecer o suporte ao educador para que este possa atuar de forma decisiva.

O professor ao exercer sua prática, necessita realizá-la com amor e paixão ou ao contrário irá confirmar o que muitos atribuem ao ato educativo, a visão reduzida de mera transmissão de conteúdo. A respeito disso vale citar Cury (2003, p. 109) que considera que, “os professores e os pais que não provocam a emoção dos jovens não educam, apenas informam.”

É importante que o professor procure conhecer o seu aluno de forma particular, respeitando o seu tempo para aprender, que é diferente dos demais alunos, utilizando recursos adequados e estimulantes para aguçar a curiosidade e o interesse do seu aluno. Um bom relacionamento entre professor e aluno é um facilitador da aprendizagem e estimula também o professor a se dedicar mais, buscar novas técnicas, recursos e preparar mais a sua aula.

Além de conhecimentos teóricos, o professor precisa conhecer o seu aluno, entendê-lo, mostrar-se disponível para ouvir as suas dificuldades e aberto para mudanças que se fizerem necessárias para uma melhor aprendizagem do seu aluno. Às vezes para o professor é difícil mudar a sua posição, ainda um pouco influenciado pelo modelo tradicional de ensinar, ele o detentor do conhecimento e o aluno um mero expectador. É importante reconhecer quando existem falhas em sua prática

Na realidade a distinção entre si e o outro, se adquire de modo progressivo. Na criancinha essa distinção é mínima a ponto de parecer, a todo instante, repercutirem em suas reações as do seu ambiente e de participar da sensibilidade envolvente. Ela se apegava ainda mais nos momentos de emoções. Conhecer-se exclusivamente a si como testemunha basta, amiúde, para fazer abortar as próprias emoções (Wallon, 1971, p.90).

As crianças dependem dessas trocas para a satisfação de suas necessidades vitais. A afetividade desempenha o papel de unir os indivíduos

entre si. As influências afetivas do meio humano têm ação decisiva sobre a vida psíquica da criança, que se organiza através do contato com o outro. De acordo com Wallon (1968, p.149) As influências afetivas que rodeiam a criança desde o berço não podem deixar de exercer uma ação determinante na sua evolução mental. Não porque originem completamente as suas atitudes e as suas maneiras de sentir, mas, pelo contrário, precisamente porque se dirigem, à medida que eles vão despertando, aos automatismos que o desenvolvimento espontâneo das estruturas nervosas mantém potência, e por seu intermédio às reações íntimas e fundamentais. Essa interação entre o social e o orgânico é fundamental para entender como as experiências sociais afetam a saúde e o bem-estar. Wallon (1971, p. 91), destaca que:

A emoção necessita suscitar reações similares ou recíprocas sem outrem e, inversamente possui sobre o outro um grande poder de contágio. Torna-se difícil permanecer indiferente as manifestações, e não se associar a esse contágio através de arrebatamentos do mesmo sentido, complementares ou antagônicos. As emoções eclodem com larga facilidade e intensidade nas grandes multidões, pois nessa ocasião fica abolida mais facilmente, em cada um, a noção individual.

A afetividade como um aspecto essencial da relação professor-aluno

Geralmente, quando uma criança está em sua casa, ela se sente confortável e segura, como se estivesse no seu próprio espaço. Tal fato ocorre pela construção dos vínculos afetivos com seus familiares. No ambiente escolar não deve ser diferente, a criança deve sentir-se acolhida e ter uma boa relação com os colegas, os professores e demais integrantes da instituição para melhor absorver os ensinamentos que lhe são apresentados. Dessa forma, ela sentir-se-á segura e autoconfiante, fatores considerados como relevantes para o processo de desenvolvimento. Cunha (2010, p. 31), enfatiza que:

A escola é uma árvore. A árvore é alimentada e alimenta. Serve como um refúgio seguro e um local de aprendizado para aqueles que buscam conhecimento sob sua sombra. Sustenta os que se aconchegam e fazem seus ninhos e, como pássaros, prepara ali uma nova geração para voar.

Com isso, pode-se entender a importância de um ambiente escolar acolhedor, pois os alunos ali serão “alimentados” e sairão preparados “para voar”, ou melhor, disseminar o que lá aprenderam, ouviram e, principalmente, vivenciaram.

Segundo Cunha (2010), a escola é um lugar privilegiado para socialização, onde as relações afetivas possuem substancial valor. Dessa maneira, acredita-se que deve haver um bom relacionamento entre professor e aluno, pois além de todos os benefícios discutidos até o momento, ele ainda funciona como uma mola propulsora no processo cognitivo.

A escola precisa, nesse contexto, afetar o educando de maneira profícua, despertando-lhe o amor e o interesse. Ainda que ele não tenha propensão para amar algum conteúdo acadêmico, poderá amar quem o educa. Bom será se amar os dois (Cunha, 2010, p. 17).

No ambiente escolar, o professor tem que ser equilibrado emocionalmente, além de dar atenção ao aluno, deve se aproximar, elogiar, saber ouvir e reconhecer seu valor, acreditando na sua capacidade de aprender e de ser uma pessoa melhor. Essas ações favorecem a afetividade no aluno.

O professor proporciona segurança e respeito, na forma de expressar seus sentimentos. O carinho e a atenção são parte da trajetória na construção da aprendizagem mútua, sendo apenas o começo do caminho a ser percorrido pelo aluno no período de escolarização.

O olhar dos alunos pode revelar sua confiança, medo, alegria ou tristeza, oferecendo uma visão única de suas experiências emocionais, são expressões psicológicas que podem ser percebidas de maneira positiva ou negativa. O olhar do professor pode afetar significativamente o comportamento do aluno, quando interpretado de forma negativa, gera desconforto em sala de aula.

O olhar do professor para o aluno é indispensável para o sucesso da aprendizagem, da autoestima e da valorização do aprendiz. É através de uma nova interpretação do olhar para a aprendizagem do aluno que o professor descobrirá o talento que cada um possui.

Ao analisar as potencialidades e competências dos estudantes, o professor fortalece a interação e a compreensão em sala de aula. Isso inclui dar credibilidade às suas opiniões, valorizar sugestões, respeitar seus limites, acompanhar seu desenvolvimento e demonstrar acessibilidade.

Para isso, o professor deve disponibilizar conversas e debates que possam encorajar o aluno a tentar de novo sem ter medo de errar. Dessa forma, o professor pode trabalhar várias atividades facilitadoras do conhecimento. Vale ressaltar que a postura pedagógica do professor deve possibilitar ao aluno desafios que propiciem diversas interações, como sujeito do conhecimento e do afeto, favorecendo seu rendimento escolar.

No ambiente escolar, a afetividade pode ser demonstrada na preocupação com os alunos e no reconhecimento de indivíduos autônomos. Além disso, a relação de afetividade deve dar sentido ao reflexão e a investigação sobre quem é o aluno, levando em consideração a experiência de vida de cada um.

Quando falamos em afetividade no âmbito escolar, abrangemos manifestações emocionais que se evidenciam dentro da sala de aula. Portanto, compreendemos a afetividade como sentimento construído através da vivência, da experiência, do reconhecimento e principalmente do respeito ao outro.

Os professores exercem um papel importante no desenvolvimento afetivo dos alunos, pois estão presentes no processo de ensino aprendizagem em todos os momentos de sua escolarização. A afetividade é como um recurso de motivação na aprendizagem do aluno, sendo assim, contribui no desenvolvimento das emoções que se evidenciam dentro da sala de aula.

Ao propormos a formação global do aluno nos diferentes contextos, é considerável como missão o aprendizado de forma agradável e acolhedora, tomando como foco principal a escola.

Tratar da afetividade na relação entre o professor e aluno, é levar em consideração o estado emocional em que o aluno se encontra no momento, devendo perceber as atitudes e expressões emocionais na sala de aula.

A influência da dinâmica familiar na construção da afetividade

De acordo com a perspectiva de Cegalla (2005, p. 36), afetividade significa “conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagrado.”

A afetividade está diretamente ligada às emoções, por isso pode determinar a maneira como as pessoas veem as situações e como se manifestam

a seu respeito. Desde a infância, a autoestima é alicerçada pela afetividade, pois uma criança que recebe afeto se desenvolve com muito mais segurança e determinação.

A base para a construção da personalidade de um indivíduo está na família. É nela que se busca encontrar referências, carinho e proteção. Segundo Chalita, “A preparação para a vida, a formação da pessoa, a construção do ser são responsabilidades da família” (2004, p.21).

Nada pode suprir ou substituir o amor e a atenção familiar. O vínculo afetivo é muito mais intenso do que em outros casos. Um indivíduo pode até encontrar alternativas que amenizam a carência provocada pela ausência de uma família, mas certamente não a substituirá.

Mas, é crucial não esquecer que a realidade de muitas famílias é marcada por desafios e alguns pais podem não estar presentes ou envolvidos na vida de seus filhos. Uma criança precisa estar cercada de amor, proteção e cuidados para que possa crescer e se desenvolver de maneira saudável.

Tiba (2002) cita de que atualmente as crianças tendem a ir para a escola cada vez mais cedo, devido ao fato de seus pais trabalharem fora, e essa inserção a exposição precoce a certas realidades pode desestabilizar a percepção da criança sobre os ambientes familiar e escolar. Tiba cita ainda que “A educação com vistas à formação do caráter, da autoestima e da personalidade da criança ainda é, na maior parte, responsabilidade dos pais” (2002, p.180).

Embora a escola desempenhe um papel fundamental na educação, a família deve estar intimamente envolvida, procurar estar presente e comprometida em todas as atividades e experiências dos filhos, prestar mais atenção às suas necessidades e dificuldades. É nos pais que as crianças buscam segurança e refúgio. Chalita (2004, p.26) fala sobre a essencialidade da família para que uma criança ganhe confiança e possa se sentir valorizada e assistida. Mas, cita ainda:

Em contraste, há muitas pessoas que não têm acesso a esses cuidados essenciais. São os chamados excluídos. Que realidade desoladora: uma sociedade dividida entre incluídos e excluídos é um reflexo da desigualdade e da injustiça social. Alguns são criados como em uma redoma de vidro, separados de tudo que possa vir a contaminá-los, e outros, a grande maioria, são lançados à própria sorte.

Diante disso, a responsabilidade que seria da família, muitas vezes é deixada a cargo da escola. Alguns pais acabam esquecendo-se da importância do afeto e da atenção, e acreditam que a escola educará seus filhos sozinhos. Acerca da importância da atenção dos pais para com os filhos, Tiba (2002, p.185) enfatiza que: “Quando a criança sabe que poderá contar tudo aos pais sente-se mais forte e participativa. Depois eles não devem deixar de ouvir o que ela quer contar. É a maneira de estarem presentes mesmo ausentes”.

Pais e escola precisam caminhar juntos, pois segundo Tiba (2002, p.181) “A escola sozinha não é responsável pela formação da personalidade, mas tem papel complementar ao da família”.

Muitas vezes os jovens acabam seguindo o caminho das drogas e do crime por falta de orientação e atenção dos seus pais. É preciso que se estabeleçam parâmetros, limites, pois é na família que o indivíduo vai buscar esse tipo de informação. Se esta não estiver disposta a atendê-lo, certamente outros estarão, mas é importante considerar a possibilidade de que suas intenções não sejam totalmente altruístas.

Tiba (2002, p.260) nos remete a essa realidade ao mencionar que: “A chance de um jovem entrar em contato com as drogas é muito grande. A melhor prevenção é dar formação ao filho para que tenha a força de enfrentar as mais diversas situações ao longo de sua vida”.

É importante que pais assumam seus papéis de educadores e sejam participantes ativos na construção da personalidade de seus filhos, sabendo dar limites, dizer não quando necessário e corrigindo se for preciso, mas sem esquecer que o amor é a base de tudo. Cury (2003, p.45) diz que: “Abraçar, beijar e falar espontaneamente com os filhos cultiva a afetividade, rompe os laços da solidão. [...] O toque e o diálogo são mágicos, criam uma esfera de solidariedade, enriquecem a emoção e resgatam o sentido da vida”.

Qual é a fórmula para uma família perfeita? Cury (2003, p. 155) sugere que a família ideal não é aquela que é perfeita, mas sim aquela que é capaz de lidar com os desafios e imperfeições da vida. Não há pais sem falhas, nem filhos sem comportamentos desafiadores. Portanto, é aquela em que pais e filhos têm coragem de dizer um para o outro: ‘Eu te amo’, ‘Eu exagerei’, ‘Desculpem-me’, ‘Vocês são importantes para mim’.

Os pais devem constantemente demonstrar aos filhos que valorizados e amados por meio de gesto de carinho e afeto. Um gesto de amor vindo dos

pais é um grande estímulo para que os filhos se sintam seguros e felizes. Tiba (2002, p.275) cita que “Os pais podem dar alegria, conforto, satisfação e roupas da moda para os filhos, mas não podem lhes dar felicidade. O que os pais podem fazer é alimentar a autoestima dos filhos, que é a base da felicidade”.

Vale lembrar que a autoestima é fundamental para que um indivíduo se realize pessoal e profissionalmente e, esta se reforça.

O Impacto da Relação Afetiva Professor-Aluno na Aprendizagem Significativa

A interação professor-aluno é determinante para a motivação e a construção da aprendizagem, tornando o processo educacional mais dinâmico e significativo. A relação professor-aluno pode acontecer de forma conflituosa, pois baseia-se no convívio de classes sociais, culturais valores e objetivos diferentes. Essa relação deve estar baseada na confiança, afetividade e respeito, cabendo ao professor orientar o aluno para seu crescimento interior, fortalecer-lhe, não deixando sua atenção voltada apenas para o conteúdo a ser ministrado.

De acordo com Fritzyzen (2007), quando a pessoa é capaz de relacionar-se com o outro, deixando de lado o seu mundo infantil, pode-se dizer que é um ser em “relação com”. A relação professor-aluno por si só, é conflitante já que os conflitos surgem durante o desenrolar de toda relação humana. Os alunos hoje estão em constantes conflitos consigo mesmos, buscando sua autoconfiança, tornando-se necessário ao professor desdobrar-se para que a disciplina seja mantida, e consiga deixar o aluno atento ao conteúdo, despertando-lhe interesse em aprender. A aula não pode ser considerada somente uma mera transmissão de conhecimentos, a preocupação também deve existir com o emocional e o afetivo, o que facilita a aprendizagem. Segundo Libâneo (1994, p. 251), “o professor não transmite apenas informações ou faz perguntas, ele também deve ouvir os alunos”.

A afetividade influencia o processo de aprendizagem, facilitando-a, pois nos momentos informais, os alunos aproximam-se do professor, trocando ideias e experiências, expressando opiniões e criando situações a serem utilizadas em sala de aula. O professor deve ser uma pessoa emocional-

mente controlada. Não podendo passar de um extremo a outro em fração de segundos.

O relacionamento baseado na afetividade torna-se um elo produtivo, alicerçando professores e alunos na construção do conhecimento e tornando a relação menos conflitante, permitindo o conhecimento entre as partes envolvidas, favorecendo o conhecimento e a descoberta como seres humanos oportunizando desta forma o crescimento mútuo.

Educar, do latim educare, é conduzir de um estado a outro, é modificar numa certa direção o que é suscetível de educação, conforme explica Libâneo (1994, p.56):

O ato pedagógico pode ser então definido como uma atividade sistemática de interação entre seres sociais tanto no nível intrapessoal como no nível de influência do meio, interação esta que se configura numa ação exercida sobre os sujeitos ou grupo de sujeitos visando provocar neles mudanças tão eficazes que os tornem elementos ativos desta própria ação exercida. Presume-se aí, a interligação de três elementos: um agente (alguém, um grupo etc.), uma mensagem transmitida (conteúdos, métodos, habilidades) e um educando (aluno, grupo de alunos, uma geração) (...).

Ao professor, cabe, então, fornecer ao aluno meios de utilizar seu pensamento para crescer, libertar-se e sair da submissão do seu pensamento em relação à outra pessoa.

Assim, o professor cria situações de comunicação entre os alunos com um propósito educativo, buscando meios e caminhos, de acordo com o que a situação e a classe permitem; ele intervém pouco, muito ou nada, colocando os alunos como sujeitos da própria reflexão, servindo-se da curiosidade natural.

Além da explanação dos objetivos, da escolha de conteúdos e da orientação metodológica, o trabalho do professor na sala de aula dependerá da procura de procedimentos que viabilizem a prática docente. Nesse sentido, de nada adianta propor no planejamento a intenção de estimular a consciência crítica se o professor se restringir à aula expositiva sempre e se, ao avaliar, apenas verificar a reprodução do que foi transmitido. O professor deve estar atento aos alunos. A expressão dos alunos sugere que é necessário fazer perguntas, não apenas avaliar a compreensão, mas também para fornecer feedback, para que corrijam seus erros, e verificar se entenderam o

conteúdo, se há ainda pontos que precisem ser reforçados, se é necessário fixar com mais exercícios ou exemplificar mais, antes de avançar com novo tema.

Ao perguntar, o professor não está simplesmente querendo obter respostas que já conhece, pois, incentivar o pensamento filosófico é querer que o aluno reflita de maneira nova, considere métodos alternativos de pensar e agir.

Apesar dos esforços, vemos que o principal objetivo, que é dar possibilidades ao educando de construir seu conhecimento, fica muitas vezes prejudicado pela falta da sensibilidade de ouvir o aluno e, assim, descobrir as suas dificuldades.

Um ponto importante a ter em mente é o de que o professor não pode ter dúvidas sobre o que seja de fato sua autoridade para que ela não se pareça, como acontece muitas vezes, como autoritarismo e também, em contrapartida, não propicie a total ausência de lei, impedindo a disciplina, que é necessária ao aprendizado, e a organização de qualquer trabalho.

Neste sentido, autoridade e afeto, refere-se Freire (1998, p. 161):

O que não posso obviamente permitir é que minha afetividade interfira no cumprimento ético do meu dever de professor no exercício de minha autoridade. E mais, a prática educativa é: afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança ou, lamentavelmente, da permanência do hoje.

O destaque dado à emoção e a afetividade humana, fixa ao professor a essência humanizadora de seu próprio ser. Essa relação de carinho e afeto deve estar presente dentro e fora da sala de aula.

Quando o professor se comunicar com os alunos de forma afetiva, a aprendizagem tornar-se-á propositadamente significativa, dependendo da forma em que o professor se apresenta e expõe suas aulas, despertará nos alunos, o gosto ou a repulsa pela disciplina. O que se deseja hoje, é um professor reflexivo e crítico, que compreenda as necessidades e sentimentos de seus alunos.

Segundo Morales (1999, p. 13): “Somos profissionais do ensino, nossa tarefa é em ajudar os alunos no seu aprendizado; buscamos seu êxito e não seu fracasso, e a qualidade de nossa relação com os alunos pode ser determinante para conseguir nosso objetivo”.

Em diversas ocasiões, o rendimento escolar do aluno não condiz com o esperado, por não estar recebendo atenção e afeto desejados. É uma maneira de chamar atenção, de fazer-se notar. Não é preciso que o professor se derreta em afetos. Basta, muitas vezes, um olhar, um sorriso, um toque. O aluno precisa sentir-se importante, necessita de elogios. Pode receber elogios de diversas pessoas, porém, um elogio verdadeiro recebido do professor, é seu maior estímulo e irá matar sua fome de sentir-se valorizado. Da mesma forma, o aluno precisa sentir que o professor é uma figura de confiança e segurança, e que pode lhe oferecer orientação e proteção.

Atualmente, é fundamental que o professor seja um educador inovador e dinâmico. O modelo de professor autoritário e apático não é mais valorizado, em complemento, abordagem tradicional e passiva do ensino está ultrapassada. Ele precisa ser dinâmico, pesquisador, surpreendente, para dar vida a seus alunos. Deve fazer renascer o gosto pelo novo, sair da mesmice. O professor tem em mãos uma enorme missão, a de encantar uma enorme plateia que nem sempre está disposta a ouvir e participar das aulas, já que, quase sempre, o mundo fora da escola é bem mais atraente que o quadro e o giz de que o professor dispõe.

Sabe-se que a aprendizagem é um processo que engloba os indivíduos como um todo. Nesse sentido, é importante que o professor se perceba como facilitador do processo de aprendizagem, pois quando a relação que estabelece com seu aluno é pautada no vínculo e no afeto, propicia a ele a oportunidade de mostrar, guardar, criar, entregar o conhecimento e permite que o outro possa interagir, incorporar e apropriar-se do mesmo.

O ser humano está em constante formação. Desta forma, em um ambiente de aprendizagem que valoriza a interação e o diálogo, o professor pode aprender novas perspectivas e ideias com os alunos, enquanto os alunos constroem conhecimentos e habilidades. Nesse sentido, o professor que cria um ambiente de respeito e diálogo, deixa de ser um simples instrutor para se tornar um facilitador do conhecimento e desenvolvimento dos alunos.

[...] Um professor inspirador é aquele que consegue transmitir seus conhecimentos de forma clara e envolvente, fazendo com que os alunos se conectem com suas ideias. Sua aula é um desafio, um estímulo intelectual, não uma rotina monótona. Seus alunos cansam não dormem. Cansam porque acompanham as idas e vindas do seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas (Freire, 1998, p. 96).

Portanto, para o educador, o educar deve ser uma arte, uma ciência e um conjunto de meios que utilizará para alcançar seus objetivos. Através de alguns subsídios, torna-se fácil conduzir este processo de aprender a raciocinar, a refletir e a usar sua própria criatividade.

A teoria embasa a prática que, sem o constante aprofundamento teórico, perde rapidamente sua essência. Atualmente, o questionamento para a melhoria na educação gira em torno de cursos de capacitação, materiais didáticos, melhores condições de trabalho e melhor remuneração. Felizmente, ainda existem professores que fazem do ensino um ideal e lutam para ajudar a construir um mundo melhor, onde tenha-se acesso a uma educação digna e extensiva a todos.

Um bom planejamento crítico e sujeito às mudanças, um acompanhamento contínuo, uma avaliação diversificada, um diálogo aberto e participativo e uma boa dose de afetividade, contribuem para a formação de um profissional de sucesso. O professor destaca-se como guia do aluno, permitindo que ele crie seu próprio raciocínio, troque ideias, seja consciente e crítico.

O uso da afetividade como estratégia pedagógica

A troca de ideias e experiências com os colegas e professores é fundamental para o processo de ensino-aprendizagem e, conseqüentemente, a qualidade das interações e mediações professor-aluno e aluno-aluno desempenham um papel crucial nesse processo.

Nesse sentido Tassoni (2000, p. 3) afirma que:

Na verdade, são as experiências vivenciadas com outras pessoas que irão marcar e conferir aos objetos um sentido afetivo, determinando, dessa forma, a qualidade do objeto internalizado. Nesse sentido, pode-se supor que, no processo de internalização, estão envolvidos não só os aspectos cognitivos, mas também os afetivos.

Quando a autora diz que são as pessoas que atribuem um sentido afetivo aos objetos e que isso reflete na qualidade da internalização do objeto, ela enfatiza que as interações sociais e a qualidade das relações são essenciais para a construção do conhecimento e a relação com o objeto, que pode ser caracterizado como desenvolvimento, e que a afetividade desempenha um papel fundamental no processo de internalização.

A abordagem de Vygotsky (1998, p. 75), sustenta que a internalização é o processo pelo qual, “todas as funções cognitivas na infância aparecem em dois momentos: inicialmente no plano social e posteriormente no plano individual: primeiro com a função compartilhada entre pessoas e depois com uma habilidade internalizada pela criança.”

Ou seja, a criança aprende primeiramente no contato com seus mediadores, entre as pessoas, e posteriormente nos seus processos cognitivos, mostrando que construiu o conhecimento.

No estudo realizado por Tassoni (2008, p. 207-208), é enfatizado que:

[...] os sentimentos e emoções produzidos na dinâmica interativa da sala de aula marcaram de maneira significativa a relação dos alunos com o objeto de conhecimento. A intensidade das emoções e sentimentos, agradáveis ou desagradáveis, produzidos nas práticas pedagógicas, possibilita a aproximação ou afastamento dos alunos com o objeto de conhecimento, levando-os a gostar ou não de aprender e de fazer. Do mesmo modo, a maneira como cada professor se relaciona com o objeto de estudo e com a própria prática docente influenciará os sentimentos dos alunos, aproximando-os ou afastando-os do objeto do conhecimento.

Percebe-se que então à relevância do contato social na aquisição de conhecimento. Nesse sentido levantamos a seguinte questão: como a qualidade das relações sociais influencia na aprendizagem do aluno?

As mediações realizadas pelo professor, no desenvolvimento das atividades pedagógicas, devem conter sentimentos de simpatia, valorização do outro, acolhimento, aceitação, apreciação e respeito, desse modo, estes sentimentos influenciam a relação da criança com o objeto de conhecimento e reflete na autoimagem, favorece a autonomia e enriquece a confiança e sua capacidade de decisão (Leite; Tassoni, 2002).

Sabendo que afetividade apresenta natureza subjetiva, as experiências vivenciadas conferem a ela uma relação com o meio sociocultural, tornando a qualidade das relações a grande responsável pela internalização do objeto de conhecimento.

Em suas pesquisas, Leite e Tassoni (2002, p. 16), destacam:

Da mesma forma, evidenciaram-se sentimentos de compreensão, aceitação e valorização do outro. Nesse sentido, pôde-se concluir que as experiências vividas em sala de aula permitiram

trocas afetivas positivas que não só marcaram positivamente o objeto de conhecimento, como também favoreceram a autonomia e fortaleceram a confiança dos alunos em suas capacidades e decisões.

Assim é possível constatar que a presença efetiva da afetividade na sala de aula resulta em aspectos positivos na relação aluno-objeto de conhecimento: “[...] na verdade, o desenvolvimento afetivo e cognitivo são indissociáveis e constituem uma única realidade – o desenvolvimento do indivíduo. Ambas as dimensões se influenciam contínua e mutuamente” (Tassoni, 2000b, p. 150).

A autora afirma ainda que na sala de aula a linguagem oral e as posturas corporais são complementares entre si e que os próprios alunos elogiam a postura do professor, afirmando que essas atitudes promovem um maior envolvimento por parte deles.

Diante dessa perspectiva, Tassoni (2008, p.164), afirma que:

[...] é possível defender que há uma sensibilidade, por parte dos alunos em relação ao tipo de mediação feita pelo professor, que revela a forma como eles são afetados, provocando diferentes sentimentos que influenciam o processo ensino-aprendizagem, interferem na relação com os conteúdos e na visão que cada aluno tem de si mesmo.

O aluno é capaz de perceber a atitude afetiva e sua relação com o trabalho pedagógico e assim essa relação atua na aprendizagem do aluno, melhorando até sua autoestima e autoconfiança. Desse modo, o aluno será capaz de sentir o conteúdo, estabelecer uma relação de simpatia com ele, assim a aprendizagem será efetiva e significativa.

A perspectiva de Tassoni (2000) afirma que quando é revelado que o desenvolvimento do conhecimento é social, as relações dirigem-se para o centro e os processos de aprendizagem se transformam em fundamentais. O vínculo entre as docentes e os educandos exposto no estudo revelou a afetividade como papel presente no desenvolvimento do conhecimento. As relações nas aulas estão repletas de carinho estabelecendo mudanças afetivas.

De acordo com as considerações pontuadas verifica-se a relevância do papel do professor para a internalização dos conhecimentos e que as interações são fundamentais para o desenvolvimento do aluno.

O sucesso na aprendizagem do aluno será evidenciado na qualidade das relações que permeiam o contexto da sala de aula e a mediação realizada pelo professor influencia o processo ensino-aprendizagem.

Considerando a importância das relações afetivas na sala de aula, considera-se necessária a exploração da participação da família no ambiente escolar e observar como essa participação influencia na aprendizagem do aluno.

Escola que cuida: O impacto da afetividade na autoestima e no sucesso escolar

Uma escola que prioriza o desenvolvimento integral do aluno entende que o compartilhamento do saber é essencial para a formação de indivíduos participativos, críticos e reflexivos, a partir dessa visão, cria um plano personalizado com o objetivo de satisfazer às necessidades e interesses individuais dos alunos, demonstrando-lhes a relevância e o impacto da aprendizagem em suas vidas.

Uma escola que se destaca por sua atmosfera acolhedora, respeitosa, democrática, afetiva e inclusiva, ou seja, um espaço onde todos compartilham suas vivências e pontos de vista, garante a participação ativa e a responsabilidade compartilhada no processo educativo. Esta relação de afeto compõe o desenvolvimento da aprendizagem cognitiva. É fundamental que o aluno seja orientado para a busca do conhecimento.

Neste contexto, a escola, deve ser vista como um espaço em que os alunos diariamente passam parte do seu tempo, precisando envolver-se de carinho, afeto e atenção. Um espaço de ligação entre as pessoas, interativo com conteúdo escolar de acordo com a realidade do aluno.

A necessidade da afetividade na aprendizagem escolar, depende de toda a comunidade escolar envolvida no processo. É necessário tomar decisões em conjunto, trabalhar em parcerias, integrar o grupo buscando alternativas conjuntas que sejam pautadas por um projeto político pedagógico. A relação entre a comunidade escolar deve ser permeada pelo afeto, construindo novos modos de relacionamento, com mais carinho e compreensão.

Parte-se do princípio de que, no dia a dia da tarefa educativa, não existe uma aprendizagem puramente cognitiva ou racional, os educandos não

deixam os fatores afetivos que constituem sua personalidade do lado de fora da sala de aula, quando interagem com os objetos do conhecimento, ou não deixam adormecidos seus sentimentos, afetos e relações enquanto pensam.

Não raras vezes, passa-se por salas de aula em que há uma gritaria constante do professor e dos alunos. Os mais rápidos acabam as atividades e, ou usam o tempo com atividades supérfluas, que em nada contribuirá para a sua aprendizagem, ou acabam por atrapalhar os colegas mais lentos, gerando assim, a indisciplina em sala de aula. Para que isto não aconteça, e o ambiente seja produtivo, é fundamental que se coloque claramente para os alunos a rotina diária das atividades. Isso fará com que se tornem autônomos, liberando o professor para auxiliar os que mais necessitam.

Neste sentido, é interessante que se estabeleçam regras de convivência. Os alunos precisam entender que viver em sociedade requer algumas regras. Temos direito e, de outro lado deveres que devem ser respeitados. Assim, a escola deve fazer a construção coletiva das regras, definindo os direitos e deveres que irão guiar o cotidiano escolar.

A organização escolar influencia também, na aprendizagem do aluno, ela precisa ser um lugar confortável, aconchegante, colorido, limpo e organizado, pois uma escola suja, de aspecto desleixado, denuncia que algo não vai bem. Não se conhece ninguém que goste de estar em um ambiente feio e malcuidado, e isso irá refletir na aprendizagem e na relação professor- aluno.

O modo de como se organiza os espaços escolares, irá influenciar quem ensina e quem aprende. Quando há vida na escola, quando sua organização é variada, evidencia uma concepção do significado de aprender e irá demonstrar que ali é um lugar estimulante, dinâmico e instigador, onde todos devem e podem participar.

A influência da educação escolar na consolidação do afeto

A educação como meio de promover a conscientização e a ação sobre as necessidades humanas emergentes decorrem do fato de que, à proporção que impulsiona relações significativas entre o sujeito e o conhecimento dos objetos sociais e das pessoas, por meio do fazer da criança, o professor desenvolve estratégias (métodos pedagógicos) para impactá-la positivamente, de mobilizar sua potência para conhecer e atribuir sentidos ao que conhece,

promovendo o desenvolvimento holístico da criança, abrangendo aspectos cognitivos e afetivos.

A interação do indivíduo com as construções sociais - conhecimentos organizados histórica e socialmente e passíveis de serem compartilhados - poderá ou não produzir o desejo ou a necessidade de conhecer e apropriar-se desse objeto social; em contrapartida, a apropriação desse conteúdo dependerá de o indivíduo empregar ou mobilizar um esforço considerável de reproduzir para ele os aspectos característicos conquistados nesse objeto social.

Neste processo de autorreflexão, o sentido pessoal emerge como uma nova compreensão e caracteriza-se por aquela qualidade que a significação social obtém para o sujeito, fundamentado em sua experiência pessoal, e é produto da dialética entre a apropriação individual e a objetivação coletiva do significado social do objeto, como uma construção conjunta do social e do individual, do objetivo e do subjetivo, do cognitivo e do afetivo, na qualidade de uma vivência psicológica.

A priorização da integração afetivo-cognitiva como princípio pedagógico implica desenvolver estratégias que promovam experiências positivas e significativas com o conhecimento escolar, de modo a fomentar a paixão pelo conhecimento e interação com os outros.

Tendo em vista nosso objetivo inicial de explorar a relação entre os processos afetivos e as outras funções psíquicas, consideramos que a criança, com base nas relações sociais vivenciadas e nas necessidades desenvolvidas, inaugura um novo tipo de comportamento à proporção que avança em seu desenvolvimento.

A aprendizagem da linguagem é influenciada pelo desenvolvimento de processos cognitivos específicos, como a percepção fonológica, a atenção seletiva e a memória de trabalho, por exemplo, alteram a dinâmica previamente estabelecida entre a criança e o ambiente, permitindo que a criança interaja de forma mais direta, demonstrando uma maior capacidade de análise e síntese no pensamento e na conduta.

Nessa fase do desenvolvimento, entre os 3 e os 6 anos, o brincar de faz-de-conta se torna uma atividade primordial, e é através desse jogo de papéis que a criança aprende a gerenciar suas emoções de forma mais eficaz. Esse novo e complexo domínio do conhecimento - o faz-de-conta - emerge da contradição entre a necessidade de agir com os objetos do mundo real

como os adultos o fazem, e a incapacidade de realizar ações por conta própria (como pilotar um avião, operar maquinário pesado ou exercer profissões complexas?).

Para resolver essa contradição, a criança ao escolher seu papel, deve seguir um padrão culturalmente estabelecido, com atividades que imitam as rotinas diárias das pessoas. Nesse processo, ela vai experimentando atitudes compatíveis com cada um dos personagens que imita e vai aprendendo a respeitar as restrições cognitivas e afetivas impostas pelo papel social, o que denota a qualidade histórica dos afetos, assim como a relação de interdependência que esses têm com as funções psicológicas.

Por permitirem uma visão detalhada do desenvolvimento da autorregulação emocional, os jogos de papéis sociais ou as brincadeiras de faz-de-conta demandam da criança um controle do comportamento que se baseia em regras de condutas sociais, em termos mais claros, o que leva a criança a assumir o comportamento de um personagem que inclui implicitamente um núcleo afetivo. Em outras palavras, ao assumir um papel, é preciso internalizar um conjunto de características e comportamentos específicos de mãe, irmã, professora, enfermeira e muitos outros personagens distintos.

Esses jogos de faz-de-conta permitem que a criança experimente e reproduza habilidades cognitivas e afetivas de forma integrada, da mesma forma que ela faz, com base em situações de vida concreta. Isto sugere que a criança utilizar-se-á com base em suas experiências e vivências anteriores, e que o aprimoramento dessas fontes também poderá ser objeto do ambiente escolar.

Elkonin (1987, p. 101) apresenta reflexões significativas sobre o papel do jogo na idade pré-escolar, reforçando a noção de que os desejos das crianças evoluem ao longo do tempo, mas se desenvolvem durante a atividade lúdica, de que a estrutura e a organização dos jogos podem influenciar o nível de interesse e engajamento das crianças e que, ao enriquecer o papel social com conteúdo significativos, tornamo-lo mais atraente e relevante, criamos a aspiração e motivação da criança. “Esta possibilidade de formar os desejos infantis, de dirigi-los, transforma o jogo em uma ferramenta educacional eficaz quando se incorporam temas relevantes para a educação.”

Logo, o jogo se apresenta como um instrumento pedagógico significativo para promover a integração das formas histórico-sociais da cultura no desenvolvimento individual, que é moldada pelos processos de aprendizagem e pelo controle das ações socialmente estabelecidas (Vygotski, 1995).

METODOLOGIA

O presente estudo foi conduzido por meio de uma revisão bibliográfica abrangente, que envolveu a análise de literatura relacionada à temática abordada. Para tanto, foram utilizados livros, periódicos, artigos e recursos online.

De acordo com Boccato (2006, p. 266), a pesquisa bibliográfica é um método que visa investigar problemas ou testar hipóteses por meio da análise e discussão de contribuições científicas publicadas em diferentes contextos. Essa abordagem de pesquisa permitirá uma compreensão mais profunda do assunto, incluindo a forma como foi tratada e as perspectivas adotadas da literatura científica.

Natureza da Pesquisa

O estudo utilizou uma abordagem qualitativa, fundamentada na perspectiva de Maria Cecília de Souza Minayo (1994, p. 21-22), que é típica da pesquisa em Ciências Humanas, uma vez que essa investigação se preocupa em:

[...] com a riqueza de detalhes e nuances que não podem ser quantificados. Dito de outra forma, lida com o universo de significados, aspirações, convicções, valores, desejos, crenças e atitudes o revela a complexidade das relações interpessoais, dos processos e dos episódios que não podem ser irrelevantes para a implementação prática.

Em termos de procedimentos metodológicos, a pesquisa foi caracterizada como bibliográfica e documental. A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em materiais preexistentes, compostos principalmente de artigos científicos, livros e recursos online. Em conformidade com Gil (2008, p. 50), “mesmo que a pesquisa bibliográfica seja comum em muitos estudos, existem pesquisas que se dedicam exclusivamente a essa metodologia.”

Quanto à pesquisa documental, Gil (2008), enfatiza que ela segue os mesmos critérios da pesquisa bibliográfica e se baseia em materiais que ainda não foram submetidos a uma análise crítica, ou que podem ser revisados e atualizados para atender às necessidades específicas da pesquisa. De acordo com o autor:

[...] é importante considerar que o primeiro critério envolve a análise das fontes documentais, que são mais numerosas. Em contrapartida, os documentos de primeira mão são caracterizados por não terem sido objeto de uma análise crítica sistemática, abrangendo uma variedade de fontes como: documentos oficiais, contratos, fotografias, reportagens de jornal, cartas, diários, filmes, gravações etc. Em contraste com os documentos de primeira mão, os documentos de segunda mão já foram objetos de análise crítica e interpretação, tendo por exemplo: relatórios de empresas, tabelas estatísticas, relatórios de pesquisas (Gil, 2008, p. 51).

Em vista disso, os documentos pertinentes compreendem artigos, livros, revistas, periódicos e recursos acessíveis na internet.

Objeto de Estudo

Esta pesquisa apresentou como objeto de estudo documentos compostos por fontes primárias, incluindo artigos, revistas, periódicos e recursos online.

Procedimento Ético

Por se tratar de pesquisa bibliográfica e documental, sem a participação de “sujeitos humanos” não foi necessário submetê-la ao Comitê de Ética em Pesquisa, na Plataforma Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa buscou investigar como a afetividade pode afetar a relação professor-aluno e o processo de ensino-aprendizagem, considerando a importância dos aspectos emocionais no desenvolvimento integral do indivíduo, estabelecendo a relação entre as dimensões afetivas, à luz da teoria de Henry Wallon e outros autores que defendem a abordagem interacionista. A metodologia utilizada adotou uma abordagem qualitativa, fazendo uso da revisão bibliográfica como estratégia de investigação.

A pesquisa realizou uma análise crítica de artigos online e livros de autores interacionistas, explorando a fundo a contribuição de Wallon e suas implicações, em que a afetividade surge como instrumento relevante na formação do indivíduo. Depois de analisar os dados obtidos por meio da pesquisa bibliográfica, confirmou-se a presença das conexões afetivas no ambiente escolar, da mesma forma a importância destas para o desenvolvimento do ensino/aprendizagem.

Os processos afetivos estão intrinsecamente ligados ao cotidiano escolar e influenciam tanto as questões cognitivas quanto motoras, doravante, o momento em que os profissionais da educação se unem e buscam, coletivamente, estratégias para atender às necessidades específicas dos alunos, suas possibilidades e potencialidades. Etimologicamente, a palavra “afeição” vem do latim “affectio”, que se refere a uma ‘disposição afetiva’ ou ‘estado emocional’.

Portanto, a partir do conhecimento sobre a realidade e vivência do aluno, o professor alcança elementos que beneficiam a conquista de uma percepção mais extensa sobre o aluno, ligando-se a ele através da observação em seu dia a dia. A atenção individualizada do professor é crucial, pois como afirma Estebán (2001, p. 52), “a forma como o professor se relaciona com cada estudante e adapta sua abordagem às necessidades individuais pode influenciar significativamente o resultado escolar”.

As pressuposições de Henri Wallon contribuíram definitivamente para a realização do presente trabalho por abordarem a dimensão humana, contextualizando o discente em seu meio a partir da valorização de suas potencialidades e resgate de sua autoestima. Ressaltando a relevância das interações sociais e afetivas na formação da identidade e da autoconfiança. Portanto, a escola precisa considerar a cultura do aluno em sua prática pe-

pedagógica, permitindo que ele estabeleça conexões significativas entre conteúdos aprendidos e suas experiências. Como afirma Gadotti (2003, p.47), “a aprendizagem é um processo que ocorre em conexão com o outro, e é através da relação com o outro que nos construímos como seres humanos”. O processo de ensino-aprendizagem deve partir dos conhecimentos e experiências prévias dos alunos para construir novos saberes, e a afetividade nesse contexto influencia significativamente a qualidade das interações entre professores e alunos, favorecendo uma educação que tenha como objetivo a humanização e a transformação, intermediada pela solidariedade e pelo compromisso social.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, M C S. **Por Amor e Por Força: Rotinas na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artemed, 2006.

BERCHT, Magda. **Em direção a gentes pedagógicos com dimensões afetivas**. Instituto de Informática. UFRGS. Tese de doutorado. Porto Alegre, dez 2001.

Bocato, V. R. C. (2006). **Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação**. Revista de Odontologia da Universidade de São Paulo, 18(3), 265-274.

CERIZARA, Ana Beatriz. **Rousseau: a educação na infância**. São Paulo: Scipione, 1990. CHIZZOTTI, Antonio. Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1995.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia Científica: Para uso dos estudantes universitários**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1995.

COMENIUS. **Didática Magna**. 3 ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2002.

CORDIÉ, Anny. **Os atrasos não existem: psicanálise de crianças com fracasso escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

CURY, Augusto Jorge. **Pais brilhantes professores fascinantes**. 4º edição. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

DICIONÁRIO Técnico De Psicologia - Álvaro Cabral e Eva Nick 11ª Edição 1999.

DICIONÁRIO. **Aurélio básico da língua portuguesa**. Autor: Aurélio B. de H. Ferreira Livroimpresso, português e 1994/1995. Editora: Folha de São Paulo.1994/1995.

Elkonin, D. (1987). **Problemas psicológicos del juego en la edad preescolar**. Em: V. Davídov; M. Shuare, (Orgs.) La Psicología Evolutiva y pedagógica en la URSS (Antología) (pp.83-102). Moscou: Editorial Progreso.

FREIRE, M. **O sentido da aprendizagem**. In: Paixão de aprender. Petrópolis, R.J.: Vozes, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 40. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GIL, A. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1993.

HENRI. A evolução psicológica da criança. Lisboa: Edição 70, 1968.

_____. **Uma concepção dialética do desenvolvimento infantil**. Isabel Galvão. Ed. Vozes, 1997.

LOPES, C. A. E. **O conhecimento profissional dos professores e suas relações com estatística e probabilidades na educação infantil**. 2003. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

LIBANEO, José Carlos. **Didática**. (Coleção magistério 2º grau. Série formação do professor). São Paulo: Cortez, 1994.

MONTEIRO, F. M. A. **Desenvolvimento profissional: uma experiência em um curso de Licenciatura em Pedagogia**. 2003. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal São Carlos, São Carlos, 2003.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002b.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Projeto para a educação do Senhor de Saint-Marie**. Porto Alegre: Editora Paraula, 1994.

SALTINI, Claudio J. P. **Afetividade e inteligência**. Rio de Janeiro: DPA, 1997.

STAKE, Robert. E. **Investigación com estúdio de casos**. Madrid: Morata, 1998.

Vygotski, L. S. (1995). **Obras escogidas III**. Madri: Visor.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamentos e métodos**. 3ª edição. Porto Alegre, Bookman, 2005.

ZITKOSKI, Jaime José. **Humanização**. In: STRECK, Danilo; REDIN, Euclides;

ZITKOSKI, Jaime José (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SOBRE O AUTOR

Antonio Eudes Mota

Possui Mestrado em Ciências da Educação. Doutorando em Ciências da Educação. Graduado em Pedagogia pela Universidade Vale do Acaraú (2024). Licenciatura Plena em Letras pela Faculdade Kurios (2015). Especialista em Língua Portuguesa e Literatura. Pós-graduação em Alfabetização e Letramento. Especialista em Neuropsicologia.

ÍNDICE REMISSIVO

A

abordagem 31, 33, 39, 41

ação 18, 23, 29, 36

afetividade 8, 10, 11, 12, 13, 16, 17, 18, 19, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 41, 42

aluno 10, 11, 12, 14, 15, 19, 22, 23, 24, 25, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 41

alunos 10, 11, 14, 15, 17, 19, 22, 24, 25, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 36, 41, 42

ambiente 10, 11, 12, 18, 19, 21, 22, 23, 24, 25, 31, 35, 36, 37, 38, 41

aprendizagem 8, 10, 11, 12, 13, 15, 17, 20, 21, 22, 24, 25, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 41, 42, 44

autoestima 10, 19, 24, 26, 28, 34, 35, 41

autoritarismo 30

B

biológicos 18

C

cognitivo 10, 19, 24, 34, 37

comunicação 29, 43

conscientização 36

criança 11, 12, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 26, 27, 33, 36, 37, 38, 44

crianças 11, 21, 22, 26, 38, 43

culturais 12, 18, 28

D

desenvolvimento 10, 11, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 31, 32, 33, 34, 35, 37, 38, 41, 44

disciplina 14, 28, 30

discussões 13

E

educação 10, 14, 15, 19, 20, 26, 29, 32, 36, 38, 41, 42, 43, 44, 45

educador 15, 22, 31, 32

educando 24, 29, 30

educar 20, 21, 32

emocional 10, 11, 12, 25, 28, 38, 41

ensinar 14, 21, 22

escola 13, 14, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 31, 35, 36, 41

escolar 10, 11, 12, 14, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 31, 35, 36, 37, 38, 41, 43

estratégia 32, 41

estudante 11, 12, 14, 41

estudo 11, 17, 33, 34, 39, 40

F

família 19, 26, 27, 35

familiar 16, 25, 26

feedback 29

I

inovação 13

interatividades 12

investigação 25, 39, 41

L

liberdade 11, 20

linguagem 34, 37

M

método 13, 39

métodos pedagógicos 36

P

país 7, 22, 26, 27, 28

pedagógica 11, 15, 17, 25, 32, 41, 44

pedagógicas 33

pedagógico 29, 34, 35, 37, 38

pensamento filosófico 30

personalidade 17, 19, 26, 27, 36

prática 11, 17, 20, 22, 29, 30, 32, 33, 39, 41, 44

práticas 11, 33

processo 8, 10, 11, 12, 13, 15, 17, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 28, 31, 32, 33, 34, 35, 37, 38, 41, 42

processos 18, 22, 33, 34, 37, 38, 39, 41

professor 11, 12, 14, 15, 17, 19, 21, 22, 23, 24, 25, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 41, 44

psicológicas 24, 38

psicológicos 11

psiquismo 16

R

refúgio 23, 26

repulsa 30

S

sabedoria 14

saudável 26

segurança 19, 24, 26, 31

sentimentos 16, 17, 19, 21, 24, 25, 30, 33, 34, 36

sistema 6

sociabilidade 18

sociais 12, 13, 18, 20, 23, 28, 29, 32, 33, 36, 37, 38, 41

sociedade 12, 13, 15, 19, 26, 36

sociedades 12

solidariedade 27, 42



AYA EDITORA
2025